

REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO POR ESTUDANTES DO 8º ANO DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE ANGELIM-PE: UMA ANÁLISE DO DISCURSO CRÍTICA

Kermelly Beatriz de Lima Silva¹
kermellylima@gmail.com

Thaysa Maria Braide de Moraes Cavalcante²
thaysa.cavalcante@pesqueira.ifpe.edu.br

Resumo

A presente pesquisa objetiva traçar uma investigação teórico-metodológica acerca das representações de gênero que condicionam e mantêm diversos estereótipos que excluem e discriminam o gênero feminino e tensionam com representações que subvertem essa lógica. Perante a isso, buscamos analisar, através das representações de estudantes do 8º ano do ensino fundamental, as (re)-significações inseridas em vocábulos, presentes em dicionários, que produzem e propagam a desigualdade e a discriminação de gênero. Desse modo, procuramos analisar, através de um questionário on-line, as representações construídas pelos discentes ao ouvirem ou falarem termos que denotam misoginia e exclusão. Além do mais, procuramos propor uma reflexão aguçada a respeito do papel que o gênero feminino exerce em uma sociedade tributária do patriarcalismo ocidental, especialmente dentro do âmbito escolar. Para fundamentar esse trabalho, buscamos subsídio na teoria da Análise do Discurso Crítica (ADC), especialmente nas investigações respaldadas por Norman Fairclough (1997; 2001; 2003; 2012). Utilizamos instrumento de coleta de dados como o *Google Forms*, para a elaboração de um questionário sobre palavras de caráter sexista e androcentrista. Com base nos dados coletados, conseguimos observar que esses termos são comumente utilizados pelas/os discentes e que a maioria delas/es demonstram ter consciência das consequências sociais que esses significados podem exercer sobre aquelas a quem essas representações se destinam. Dessa maneira, revelamos o nosso interesse em propor questionamentos e reflexões a respeito das representações que estão atreladas a palavras que estabelecem padrões de gênero.

Palavras-chave: Educação. Discurso. Gênero social. Representação. Léxico.

Abstract

This research aims to trace a theoretical and methodological investigation about the representations of gender that condition and maintain various stereotypes that exclude and discriminate the female gender and tension with representations that subvert this logic. In view of this, we seek to analyze, through the representations of 8th grade students, the (re)-significations inserted in words, present in dictionaries, which produce and propagate gender inequality and discrimination. Thus, we sought to analyze, through

¹ Instituto Federal de Pernambuco. *Campus* Garanhuns. Curso de Linguagem e Práticas Sociais.

² Professora do Instituto Federal de Pernambuco - *Campus* Pesqueira. Coordenadora do Núcleo de Estudos em Gênero e Diversidade - *Campus* Pesqueira. Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada – UECE. Graduação em Letras - Português e Literatura Portuguesa e Brasileira/Licenciatura – UECE.

an online questionnaire, the representations constructed by students when they hear or speak terms that denote misogyny and exclusion. Moreover, we seek to propose a sharp reflection on the role that the female gender plays in a society tributary to Western patriarchy, especially within the school environment. To ground this work, we sought subsidy in the theory of Critical Discourse Analysis (CDA), especially in the investigations supported by Norman Fairclough (1997; 2001; 2003; 2012). We used a data collection tool, such as Google Forms, to elaborate a questionnaire about sexist and androcentrist words. Based on the data collected, we were able to observe that these terms are commonly used by the students and that most of them are aware of the social consequences that these meanings can exert on those to whom these representations are intended. This way, we reveal our interest in proposing questionings and reflections about the representations that are linked to words that establish gender standards.

Keywords: Education. Discourse. Social gender. Representation. Lexicon.

1. INTRODUÇÃO

Desde o início das organizações sociais dos grupos humanos, o patriarcalismo³ dominou esferas culturais, religiosas, financeiras, trabalhistas, governamentais, educacionais, familiares, linguísticas, e entre tantas outras instâncias que estimularam a produção e a perpetuação da subalternização do gênero⁴ feminino, em detrimento do gênero masculino.

Diante disso, por ser um elemento histórico-social, com o passar das gerações, o patriarcado foi ganhando novas roupagens e significados sociais que desencadearam a naturalização de práticas deste regime.

Posto isso, ao observar os sistemas linguísticos existentes e desenvolvidos no seio das organizações humanas, verificamos que a estrutura que rege a língua não ficou isenta das ações do patriarcado. Podemos verificar que o sistema morfológico, sintático e semântico é composto por partículas que remetem ao gênero masculino, ao mesmo tempo que, o apresenta como um elemento dominante perante as demais e poucas unidades que fazem menção ao gênero feminino, especialmente, para este trabalho, quando se refere ao aspecto discursivo de palavras que remetem o feminino.

³ Considerando que o patriarcalismo pode ocorrer de diversos modos dentro de uma sociedade, salientamos que o sistema patriarcal, visto nesse trabalho, diz respeito ao patriarcalismo ocidental.

⁴ Neste trabalho trabalharemos com o padrão social estabelecido para gênero feminino e masculino, em particular o padrão branco, cristão e heterossexual. No entanto, ressaltamos que existem diversas formas de se compreender a construção de gênero, que abrange diferentes eventos históricos, culturais, econômicos, políticos, raças, religiões, sexualidades etc dos indivíduos.

A partir dessas afirmações, buscamos fazer uma investigação discursiva com estudantes do 8º ano do ensino fundamental anos finais acerca de palavras que apresentam representações pejorativas e excludentes para as mulheres⁵.

Com isso, para fundamentar essa tese, usamos, na presente produção, Análise do Discurso Crítica (ADC), especialmente a proposição desenvolvida pelo linguista britânico Norman Fairclough (1997; 2001; 2003; 2012), a quem seguimos para discutir as relações entre Discurso e sociedade e para analisar os dados de representação discursiva coletados para essa pesquisa. Também fazemos uso de pesquisas desenvolvidas na área da Lexicografia, como os estudos de Krieger (2010) e Andrade, Carvalho e Zambrano (2017). Juntamente, utilizamos trabalhos relacionados aos estudos de gênero - Scott (1995) – e de sua relação com a educação - Louro (1997) e Carlos (2019).

Quanto aos procedimentos metodológicos deste trabalho, optamos por produzir uma pesquisa de base qualitativa, visto que tal ferramenta propicia uma compreensão mais profunda e detalhada acerca do tema proposto. Dessa maneira, fizemos a coleta de dados por meio de um questionário on-line, desenvolvido através do *Google Forms*, na qual as/os estudantes forneceram as suas impressões a respeito de alguns vocábulos com significações que denotam discriminação e misoginia, e que são naturalizados na sociedade. Mediante isso, nosso estudo ficou pautado na análise das representações de gênero que foram atribuídas pelas/os discentes.

À vista disso, com base nos dados coletados, pudemos verificar que grande parte dos participantes avaliaram de forma crítica os significados que são socialmente vinculados a termos que evidenciam o caráter sexista e androcentrista da linguagem, além de ressaltarem que essas expressões são utilizadas diariamente de modo espontâneo e bastante corriqueiro.

Desse modo, essa pesquisa tem como objetivo analisar as representações de gênero produzidas por estudantes do 8º ano do ensino básico, investigando sob a perspectiva da ADC, fundamentada por Fairclough (1997; 2001; 2003; 2012), os significados que algumas palavras carregam ao se referirem aos gêneros que seguem os padrões do feminino e do masculino. Além do mais, considerando a relevância dessa temática para a sociedade, especialmente para o âmbito escolar, esperamos que este trabalho possa proporcionar discussões, ações e

⁵ A menção a “mulheres”, neste estudo, refere-se, em geral, à mulher branca, de classe média/alta, cisgênero e heterossexual, uma vez que questões de raça, classe social e sexualidade influenciam nas representações e produções discursivas de gênero, mas não constituem o escopo deste trabalho.

intervenções perante os usos diários, especialmente em sala de aula, de termos depreciativos que são frequentemente destinados ao gênero feminino.

Ademais, trazer essas demandas para o cotidiano das escolas torna-se indispensável para o rompimento de estruturas sociais opressoras, que privilegiam grupos hegemônicos em detrimento de outros que são oprimidos pela violência de classes dominantes. Por essa razão, é relevante pensar em práticas pedagógicas que desenvolvam debates acerca de questões que trazem problemas para a sociedade da qual fazemos parte, especialmente, quando fazem menção às noções que comportam o gênero.

Desse modo, o referido artigo está organizado da seguinte maneira: além desta etapa introdutória (1), na qual se apresentam as considerações iniciais da pesquisa; há, a etapa seguinte (2), em que buscamos explicar (2.1) o aporte teórico, a ADC, que serviu de base para este estudo, assim como, mencionamos a base do significado representacional, que constitui a categoria de análise das produções discursivas do nosso *corpus*; em (2.2) comentamos brevemente a respeito dos aspectos sociais que estruturam a representação de gênero, bem como dialogamos sobre a importância de se construir uma pedagogia de gênero nas escolas; em (3), esmiuçamos os processos metodológicos do trabalho, orientando-nos de acordo com o planejamento de pesquisa postulado pela ADC; por fim, em (4) analisamos o *corpus* coletado na pesquisa, em que detalhamos os resultados e as discussões fornecidas, evidenciando os tópicos mais significativos da análise.

2. ANÁLISE DO DISCURSO CRÍTICA: UM ESTUDO SOBRE GÊNERO E ESCOLA

Com o objetivo de delimitar e direcionar a presente investigação, fundamentamos esse trabalho na teoria da ADC, seguindo as orientações desenvolvidas por Norman Fairclough (1997; 2001; 2003; 2012). Além disso, buscamos suporte no diálogo existente entre esta e os constructos para análise textual da Linguística Sistêmico-Funcional, fundamentada por Michael Halliday (2014 [1985]) que nos forneceu parâmetros para os estudos sobre o significado representacional do discurso. À vista disso, buscamos refletir sobre os eventos discursivos que promovem ou desconstruem certos estereótipos de gênero.

2.1 Análise do Discurso Crítica e o Significado Representacional

A ADC é uma área transdisciplinar que envolve áreas de investigações referentes as Ciências Sociais e a Linguística Crítica. Através desse viés, a ADC busca direcionar suas

análises a partir de uma perspectiva crítica da linguagem, considerando-a como um evento de prática social.

Por adotar uma abordagem teórico-metodológica crítica e por considerar a linguagem como uma forma de prática social, a ADC busca investigar por meio de textos escritos e orais as representações discursivas e as práticas sociais desempenhadas pelos que produzem e utilizam esses textos e discursos. Em consequência disso, “produções sociais historicamente situadas, dizem muito a respeito de nossas crenças, práticas, ideologias, atividades, relações interpessoais e identidades.” (RESENDE E RAMALHO, 2006. p.10)

Com isso, a ADC procura, através da análise textual, analisar as relações de poder que são estabelecidas na sociedade (CAMARGO, 2016. p. 89). Dessa forma, as dimensões discursivas são geradas em função do uso e da prática social dos sujeitos. Em concordância com essa ideia, Melo (2012. p.60) salienta que a ADC se configura “como uma abordagem teórico-metodológica que objetiva investigar a maneira como as formas linguísticas funcionam na reprodução, manutenção e transformação social.”

Dentre os estudiosos da ADC, o principal nome veiculado a essa teoria é o do linguista britânico Norman Fairclough (1997; 2001; 2003; 2012), a quem seguiremos para a produção desse trabalho. Além de Fairclough, outros estudiosos construíram o campo teórico que é a ADC para as suas investigações linguísticas e sociais, e contribuíram enormemente para a consolidação e propagação dessa área de pesquisa. Dentre esses teóricos estão: Van Dijk (2008), Gunther Kress (2001), Theo van Leeuwen (1997; 2005), Ruth Wodak (2001) e entre outros nomes.

Como esse trabalho centra-se em fazer uma análise de representações discursivas através de textos escritos, escolhemos adotar as propostas fundamentadas por Fairclough (1997; 2001; 2003; 2012), uma vez que tais pressupostos evidenciam as estratégias linguísticas que anulam ou expõem as relações discursivas associadas a hegemonia e as desigualdades sociais, especialmente no que diz respeito as desigualdades de gênero. Portanto, a ADC busca firmar suas análises discursivas com base nas produções textuais, que são instrumentos essenciais para a evidenciação de elementos sociais de discriminação, exclusão e autoridade. Além disso, o texto é um recurso bastante eficiente de desenvolvimento e interação social.

À vista disso, Fairclough (2001) salienta que todo discurso faz parte de uma ação, posto que a fala e a escrita produzem interações e ações sociais. Além disso, o discurso revela

formas de ressignificação que, neste trabalho, abordará representações que são construídas através de padrões de gênero.

Seguindo o raciocínio da Teoria Crítica do Discurso, procuramos destacar o diálogo que há entre a Linguística Sistêmica-Funcional (LSF), proposta por Halliday, e a ADC, difundida por Fairclough (2003). Ao elaborar um constructo metodológico que se respaldava em elementos linguísticos inseridos em contextos de uso, a LSF se tornou uma ferramenta de grande valia para as análises de texto. Por esta razão, ao adotar a abordagem da LSF no campo metodológico da ADC, as análises, desenvolvidas a partir daí, são linguisticamente orientadas, uma vez que partem de dados fornecidos através de textos reais.

Considerando a influência da abordagem sistêmico-funcional de Halliday para os estudos linguísticos e discursivos, Fairclough se apropria e recontextualiza alguns princípios da LSF com a finalidade de encaixar, de modo mais apropriado, aos interesses investigativos da ADC. Em vista disso, Fairclough confere significações específicas à metafunção proposta por Halliday (2014, [1985]) que vai ao encontro de ideias sobre discurso, gênero e estilo do texto. Ao adotar uma abordagem extrínseca da linguagem, Fairclough relaciona às metafunções de Halliday o significado representacional (associado ao discurso), o significado identificacional (relacionado ao estilo) e o significado acional (atrelado ao gênero).

Seguindo esse viés, a partir das premissas de Fairclough (2001), sabemos que o discurso gera e é gerado a partir das práticas sociais, assim como, é um modo de ação historicamente situado. Como resultado desse pensamento, podemos considerar que os sistemas organizam as produções discursivas que conduzirão a um modo de ação do sujeito sobre determinados sistemas sociais. Diante disso, os discursos são constituídos por meio da relação dialética que há com a sociedade, em outras palavras, o discurso é construído mediante as estruturas sociais, bem como, a estrutura social é sistematizada através do discurso.

Posto isso, uma análise discursiva, segundo os pressupostos de Fairclough (2001), está atrelada a três dimensões: a prática social, o texto (considerado como um evento discursivo) e a prática discursiva (que se refere aos processos sociocognitivos atrelados a produção, distribuição e consumo do texto em diversos ambientes sociais). (RESENDE e RAMALHO, 2006) É de acordo com os fatores sociais que as práticas discursivas são (re) modeladas para atender aos diferentes tipos de discurso.

Diante dessa concepção, a ADC busca produzir questionamentos críticos a partir de um problema que estará vinculado às relações de poder que estruturam o meio social. Além disso, a ADC propõe identificar os obstáculos que podem surgir no caminho para solucionar a problemática. Em outros termos, precisamos observar quais estruturas engendram os problemas que socialmente oprimem grupos do gênero feminino, LGBTQs, negras/os e de classe econômica baixa, por exemplo; e, através disso, verificar como e por que essas estruturas exercem esse poder dentro da sociedade. Não somente isso, a ADC procura revelar as funções que essas práticas desempenham no meio social e discursivo, tal como, apontar possíveis reflexões acerca dos sistemas que hegemonizam relações sociais, ideologia, crenças, valores, desejos, práticas sociais e discursivas etc.

Diante disso, buscamos averiguar nos textos as materializações discursivas que constituem e são constituídas por meio de práticas individuais e sociais a que estão interligadas. Em vista disso, procuramos desenvolver nessa pesquisa a análise do significado representacional, conforme a concepção de Fairclough (2003), em discursos escritos de estudantes do 8º ano, anos finais da educação básica, a fim de observar as ressignificações desenvolvidas por elas/es perante a palavras que são utilizadas para reproduzir determinados padrões de gênero.

O significado representacional exerce a função de representar os mais diferentes agentes, eventos e discursos que são produzidos pela relação existente entre as pessoas e o mundo, considerando os momentos históricos, as suas funções sociais e as conexões que são construídas com outros indivíduos. Dessa forma, o significado representacional é construído através das representações de atores sociais, por exemplo, sendo possível identificar determinados atores a partir das construções discursivas, presentes nos textos e nas interações, como também, revelar os posicionamentos ideológicos das/os enunciantes/es.

Uma das categorias de Fairclough (2003) desenvolvidas a partir do significado representacional é a de significado de palavras. Segundo o autor, o modo como os sentidos incidem sobre as palavras revela uma disputa estrutural na qual o significado estabelecido pelos poderosos será transformado em formas hegemônicas de sentido. Isso será construído mediante a intenção de apagar, trivializar e segregar determinados grupos sociais.

Acentuamos que o significado representacional, que é o nosso foco de pesquisa⁶, juntamente com o significado identificacional e o significado acional, estabelecem uma relação dialética, isto é, são aspectos que não funcionam de maneira isolada entre si. Dessa forma, Resende e Ramalho (2006. p.89) reafirmam as noções fundamentadas por Fairclough (2003), ao realçar que “discursos (significados representacionais) são concretizados em gêneros (significados acionais) e inculcados em estilos (significados identificacionais), e que ações e identidades (incluindo gêneros e estilos) são representadas em discursos.”

Tendo em vista que o nosso foco de pesquisa é analisar a representação de gênero em discursos produzidos por meio da significação de palavras dicionarizadas, buscamos compreender um pouco sobre o campo da Lexicografia. Neste sentido, estudar o léxico é entender as escolhas lexicais que os falantes realizam cotidianamente em diversos contextos sociais, levando em conta as representações culturais e ideológicas que estão inseridas na organização explícita e implícita da língua. Segundo Andrade, Carvalho e Zambrano (2017, p.435)

O léxico de uma língua é composto por palavras e expressões que são utilizadas pelos falantes nas mais diversas situações comunicativas às quais são submetidos. Esses elementos linguísticos apresentam traços que representam a sociedade na qual a língua está inserida.

Desse modo, podemos notar que a inserção de palavras e expressões em dicionários, seja ele físico ou on-line, se dá através da relação entre língua e sociedade. Por esta razão, os dicionários não apresentam, apenas, informações semânticas de uma língua, mas também, conhecimentos históricos, culturais e sociais de uma dada sociedade. (ANDRADE, CARVALHO E ZAMBRANO, 2017)

o dicionário é um produto de caráter social que reflete determinadas visões sobre a língua e, logo, posições do sujeito enunciativo, a despeito de sua aparência de neutralidade, a qual está vinculada à articulação de um paradigma formal histórica e universalmente estabelecido, e que praticamente acompanha a história da humanidade (Krieger, 2010, p. 137).

Desta maneira, compreendemos que os significados presentes nos dicionários revelam ideologias, preconceitos, discriminação, racismo e dentre outras problemáticas que muitas

⁶ Nesta pesquisa não nos detivemos em fazer uma análise dos discursos dos estudantes com base nos significados identificacionais e acionais, uma vez que o gênero artigo, no qual este trabalho é formatado, não comportaria a análise dos dados de todos os significados. No entanto, sabemos que o significado representacional, identificacional e acional estabelecem uma relação dialética entre si, podendo estarem presentes nas análises deste estudo.

vezes não percebemos ao utilizarmos no nosso cotidiano, entretanto, tais significações caracterizam uma determinada sociedade e os seus indivíduos.

No subtópico 2.2 abordaremos questões que envolvem a representação de estereótipos e padrões de gênero em termos que são difundidos e naturalizados através das mais variadas práticas sociais, especialmente na prática escolar.

2.2. Um breve exposto sobre gênero e educação

Do mesmo modo como muitas instâncias sociais presentes na nossa vida - comunicação, política, família, religião, valores e identidade - a linguagem foi construída e organizada com base no sexo biológico das pessoas. A partir disso, as relações de poder, que foram estabelecidas e naturalizadas dentro da sociedade, objetivaram valorizar o padrão masculino, colocando outros gêneros, como o feminino, por exemplo, em posição subalterna. Em conformidade com essa ideia, vale mencionar que “o discurso se relaciona dialeticamente com a estrutura social contribuindo para a constituição de todas as dimensões dessa estrutura”. (FAIRCLOUGH, 2001. p. 64)

Em consequência disso, para revalidar as desigualdades sociais existentes entre o que o discurso hegemônico considera mulheres e homens⁷, justificativas foram construídas com base nas características biológicas/sexuais de ambos os indivíduos, uma vez que, por serem seres biologicamente distintos, esses sujeitos seriam condicionados a ter e a exercer papéis específicos no meio social, servindo como um recurso de “compreensão”, explicação e propagação da desigualdade de gênero.

É importante sempre ressaltar que não são as características sexuais que irão definir o que é feminino e masculino, mas, sim, as construções sociais e históricas que representam e valorizam essas características. Como bem menciona Louro (1997, p. 21), “Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos.”

Dessa forma, assim como a maioria das esferas sociais, a linguagem demonstrou ser um instrumento significativo capaz de atender aos interesses dos homens. Assim, notamos que uma quantidade considerável de palavras, bastante utilizadas no nosso dia a dia, passam a

⁷ A menção que fazemos a “homens”, neste estudo, concerne, em geral, ao homem branco, de classe média/alta, cisgênero e heterossexual, uma vez que questões de raça, classe social e sexualidade influenciam nas representações e produções discursivas de gênero, mas não constituem o recorte dado a esta pesquisa.

ter significados completamente distintos a depender da pessoa a quem nos referimos. Portanto, na maioria das vezes, as representações sociais e discursivas, criadas através da linguagem, são destinadas a marginalizar, ocultar e inferiorizar tudo aquilo que foge do padrão.

Diante dessa concepção, é notório que tais expressões foram criadas e propagadas, até hoje, com base nas construções históricas/sociais de dominação e consolidação de uma estrutura opressora. Sendo assim, esses sistemas possuíam a intenção de manter as mulheres invisíveis perante a sociedade ao produzir termos que depreciavam, estereotipavam e difamavam o gênero feminino, mantendo, desse modo, a subordinação das mulheres diante dos homens.

De acordo com Franco e Cervera (2014. p. 38),

O uso de uma linguagem sexista, reprodutora da atribuição de valores, capacidades e papéis diferentes para homens e mulheres em função de seu sexo, desvaloriza as atividades femininas em relação às masculinas ou em relação com o que está bem ou mal; isso expressado em qualquer palavra.

É através da citação apresentada anteriormente, que verificamos que muitos vocábulos apresentam representações opostas quando nos referimos ao gênero feminino ou masculino, bastando, apenas, evidenciar uma flexão de gênero gramatical. Através desse conhecimento, no que corresponde às ressignificações de palavras que remetem a sexualização a quem nos referimos, percebemos que as noções de caráter depreciativo e submisso são destinadas à figura feminina, ao passo que a imagem masculina estará atrelada à virilidade e dominação. Ressaltamos, que muitos dicionários on-line ou físicos, especialmente os mais renomados, estão modificando os seus conteúdos a fim de evitar significações que são socialmente problemáticas.

A partir disso, fizemos um levantamento de algumas palavras dicionarizadas, bastante conhecidas e difundidas em alguns contextos sociais, que remetem à identidade de certos padrões de gênero, assim como, representam diferentes significados sociais. Observemos a seguir o quadro 1.

Quadro 1 ⁸ : Alguns adjetivos dicionarizados referentes à sexualidade do gênero feminino e do gênero masculino	
Gênero feminino	Gênero masculino
Vagabunda	Mulherengo

⁸ Palavras e significados consultados e extraídos do dicionário on-line Dicio.

Destacamos que a escolha pelo dicionário on-line Dicio, assim como o Priberam e Michaelis, uns dos dicionários mais pesquisados na internet, se deu pelo fato da facilidade de acesso por parte dos estudantes.

Vadia	Galinha
Rapariga	Pegador
Prostituta	Raparigueiro
Quenga	Namoradeiro

Elaborado pela autora.

A partir do quadro exposto anteriormente, fica evidente que o gênero masculino se reveste de termos que denotam significados de força, potência e malícia. Em contrapartida, ao se referir ao gênero feminino, as mesmas expressões apresentam definições notavelmente pejorativas. Além do mais, no que compreende as adjetivações de caráter enaltecedor e consideradas de prestígio, grande parte delas são destinadas ao gênero masculino, sendo localizadas com maior facilidade. Já os adjetivos com marcas negativas e de desprestígio são reservados às mulheres.

Com referência a isso, Franco e Cervera (2014, p. 41) expõem em seu manual algumas adjetivações que envolvem a sexualidade das mulheres, e fazem um contraponto com as adjetivações que remetem à sexualidade dos homens. Segundo eles,

[...] os dicionários, ou seja, as pessoas que fazem os dicionários, não apenas recompilam palavras. Dão significado a essas palavras e, com isso, a gente aprende uma realidade. Ao aprender a falar vamos assimilando conceitos dos quais derivarão condutas e formas de pensar. Uma ideia concreta do mundo e a informação que inclui valores, preconceitos e estereótipos serão parte fundamental da forma como nos decidiremos relacionarmos com as outras pessoas. A língua sempre carrega cargas sociais estruturais que levam a uma inércia difícil de modificar em pouco tempo. Mas é possível gerar ações que incidam na sociedade e na linguagem ao mesmo tempo.

Cabe salientar que diferentes significações são produzidas quando nos referimos a sujeitos de cores, raças, religiões, culturas, etnias, poderes aquisitivos, localidades, idades e gêneros diversos, isto é, a heterogeneidade que compreende todo indivíduo. Por esta razão, aqui, não nos detemos a outros fatores que favorecem na desvalorização desses vocábulos e que servem de gatilho para a disseminação e validação de práticas, (in) conscientes e androcentristas.

Desse modo, como já mencionado, a língua, por ser um elemento que constrói práticas de valor histórico e social, é uma ferramenta viva que favorece a legitimação de fundamentos hierárquicos de gênero, reproduzindo “o que não é correto, o que é falso, o que discrimina, desvaloriza ou não reconhece a realidade, seja mediante provérbios, ditados, estereótipos sexistas, frases feitas ou palavras que consolidam uma constituição social negativa para as mulheres.” (FRANCO; CERVERA, 2014, p. 43) Apesar disso, vale frisar que a língua permite a contestação desses padrões, sendo, também, um lugar de luta.

Assim como outras instâncias sociais, o ambiente escolar produz e propaga desigualdades, discriminações e diversas formas de violência entre aqueles que se distinguem do padrão hegemônico construído pela sociedade⁹. Dessa forma, a instituição escolar¹⁰, desde o seu nascimento, exerceu o papel de distinguir os indivíduos a partir da sua religião, cor, raça, classe social, poder econômico, idade e gênero, embora também possa ser lugar de contestação.

A representação que temos da escola, tal qual ela foi socialmente construída, segue a concepção de formar bons cidadãos para uma sociedade ideal. Para isso, a/o estudante precisa se enquadrar nos princípios que são redigidos por tal instituição. Entretanto, esses parâmetros estabelecidos, são baseados nos grupos heterossexuais, cisgêneros, brancos, cristãos, de classe média/alta e do gênero masculino, deixando à margem todos os outros grupos que não se inserem no modelo de sociedade. Assim, grande parcela dos sujeitos, que não se incluem nesses padrões sociais, como por exemplo o gênero feminino, é condenada a ocuparem espaços diversos de subalternização, que proporciona e mantém o lugar de privilégio da outra parcela da sociedade.

Desse modo, ao considerar o papel da linguagem na sociedade, sabemos que é nas práticas sociais cotidianas que palavras, termos e expressões, quando referidos ao gênero feminino, podem assumir uma representação preconceituosa, sexista e pejorativa da linguagem, reproduzindo, assim, discursos que são socialmente naturalizados. É por esta razão, que precisamos desconfiar, questionar e evidenciar práticas discursivas que são consideradas “naturais” no meio social. (Cf. LOURO, 1997)

Em função disso, palavras como bruxa, rapariga ou mulherzinha fazem parte da nossa rotina, especialmente na do público que está na fase escolar, de modo bastante automático, sem que, muitas vezes, haja questionamentos sobre os discursos que estão sendo atrelados àquelas palavras misóginas, ou, até mesmo, sobre as consequências que continuam a haver quando perpetuamos essas manifestações discursivas. Posto isso, podemos observar que a linguagem é um veículo de comunicação bastante eficiente dentro das nossas práticas sociais. Ela é dinâmica e adaptável às mudanças sociais e históricas dos sujeitos. Com isso, a

⁹ É válido mencionar que não são somente essas características que constituem a instituição escolar. Entretanto, como esse estudo objetiva explicar os aspectos de desigualdade e discriminação perante o gênero dos sujeitos, optamos por focarmos em algumas das problemáticas que envolvem gênero e escola.

¹⁰ A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna.

linguagem, além de expressar as “relações, poderes e lugares, ela os institui; ela não apenas veicula, mas produz e pretende fixar diferenças.” (LOURO, 1997. p. 65)

Assim, como podemos observar nos exemplos expostos no último parágrafo, as relações hierárquicas construídas em volta do gênero são produzidas com a intenção de estabelecer e perpetuar as relações de poder nas mãos dos homens (heterossexuais, brancos e cristãos), em detrimento das mulheres. Infelizmente, a escola se tornou uma instituição que produz e propaga essas divisões sociais, alimentando e normalizando os discursos misóginos que estereotipam, sexualizam e manipulam o corpo, a identidade, as ações, os pensamentos e as atividades que foram tidas como sendo femininas.

À vista disso, é importante levar em consideração que, no ambiente escolar, diálogos reflexivos e indagatórios sobre construções sociais que se utilizam da linguagem para (re)-significar palavras que discriminam e deslegitimam o gênero feminino, são fundamentais para desenvolverem crianças, jovens e adultos críticos perante discursos e práticas sociais hegemônicas que disseminam e naturalizam desigualdades e preconceitos contra grupos que tiveram, e ainda têm, suas vozes e identidades apagadas da sociedade ou reduzidas a um papel social secundário.

3. METODOLOGIA

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, a qual consiste em “um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo” (Denzin & Lincoln, 2006. p. 17), o presente trabalho irá se pautar nos pressupostos da ADC, encabeçados por Fairclough (1997; 2001; 2003; 2012), com o propósito de analisar as representações de gêneros a partir (re) significações que estudantes do 8º ano do ensino fundamental anos finais da escola municipal Miguel Calado Borba no município de Angelim- PE atribuem a determinados vocábulos com significações depreciativas, estereotipadas e excludentes de gênero. Assim, para este trabalho, nos detemos em aplicar um questionário de perguntas abertas, produzido na plataforma on-line *Google Forms*, a fim de verificar as representações de gênero atribuídas pelas/os discentes às palavras que foram selecionadas para essa pesquisa a partir também de como elas/es avaliam as significações propostas nos dicionários indicados.

Dessa forma, apoiando-se na premissa de que a ADC visa compreender os níveis mais profundos das questões sociais que estruturam os discursos, notamos que a crítica que

respalda a AD advém das causas e efeitos que se originam através das relações assimétricas de poder e hegemonia. À exemplo disso, neste trabalho, buscamos as causas que levam a manter determinados discursos de gênero, e quais efeitos essas práticas e ações desempenham dentro do meio social, considerando, aqui, as representações de estudantes de uma turma de 8º ano.

Desse modo, iremos focar na análise do significado representacional do discurso, no qual Fairclough (2003) desenvolve categorias analíticas que abrangem a Interdiscursividade, - que vai identificar a relação que há entre diferentes discursos; - a representação de atores sociais, - que apresenta as maneiras como os atores sociais são representados no texto, indicando suas possíveis posições ideológicas diante do que são e diante das suas atividades sociais; - e o significado de palavra, - que revela a construção de significados socialmente estabelecidos e as variações semânticas decorrentes de aplicações políticas e ideológicas. À exemplo disso, Fairclough (2003, p.230) expõe que os significados das palavras e a lexicalização são “facetas de processos sociais e culturais mais amplos”.

Com base nisso, a escola escolhida para o desenvolvimento da pesquisa foi uma instituição municipal do município de Angelim-PE, que fica, aproximadamente, a 216 km de distância da capital Recife. Como já mencionado, a turma escolhida para a coleta de dados foi uma turma do 8º ano “A”, com vinte e oito estudantes, do ensino fundamental anos finais, na qual a docente-pesquisadora leciona.

A seleção dessa turma foi feita em virtude das/os alunas/os estarem no seu penúltimo ano do ensino fundamental e por, provavelmente, já conseguirem ter um amadurecimento crítico das questões problemáticas que abrangem a sociedade. Além do mais, a escolha foi igualmente beneficiada pelo fato de a pesquisadora ensinar a disciplina de língua portuguesa, para o grupo de estudantes há dois anos consecutivos, proporcionando, assim, uma maior aceitabilidade da classe em responder ao questionário proposto.

Quanto ao perfil do nosso público-alvo, observamos que as/os alunas/os pertencem a famílias de classe social D e E¹¹, com renda mensal de até 2 salários mínimos (muitas famílias não chegam a possuir 1 salário mínimo por mês), sendo a maioria de cor/raça parda, preta e que se identifica com o gênero feminino, residentes da zona urbana do município de Angelim e com idades entre 13 a 18 anos. Além disso, grande parte dos pais e responsáveis dessas/es

¹¹ Os indicadores sociais apresentados aqui são baseados nos indicadores propostos pelo IBGE.

discentes não possuem o ensino fundamental anos iniciais ou finais completo, sabendo, muitas vezes, somente ler e escrever o próprio nome.¹²

Em relação à coleta de dados, buscamos construir um questionário, feito através do *Google Forms*, no qual estivessem inseridas perguntas relacionadas à opinião dos estudantes a respeito das significações que são atribuídas a vocábulos dicionarizados quando direcionados a certos padrões de gênero, especialmente ao padrão do gênero feminino. Em contra ponto, explanamos também alguns termos atribuídos ao gênero masculino para que as/os estudantes pudessem observar a distinção de significado que há nessas palavras, já que a discrepância não acomete somente o aspecto linguístico, mas o aspecto social também.

Desse modo, no que corresponde à elaboração do questionário¹³, preferimos constituí-lo com perguntas abertas, visto que, como alega Babbie (2005), possibilita ao entrevistado maior abertura ao fornecer as suas respostas, não havendo limitações ao argumentar, especialmente, o que foi proposto pela/o entrevistadora/o. Além disso, as perguntas foram formuladas em linguagem informal/coloquial, pois propicia uma maior comodidade do participante.

À vista disso, as questões direcionadas aos estudantes foram baseadas em palavras que continham o mesmo radical, no entanto, distinguam-se na flexão de gênero. Para isso, foram selecionadas somente vocábulos que fossem de acesso e uso diário das/os alunos, assim como, fossem passíveis de flexões de gênero, e que essa flexão fosse o gatilho para uma mudança de significado do termo ou expressão apresentada, como mostra o quadro 2:

Quadro 2 ¹⁴ : Significação de alguns vocábulos direcionados ao gênero feminino e ao gênero masculino		
Vocábulo	Gênero feminino	Gênero masculino
Governanta/ Governante	1. Mulher encarregada de administrar casa de outrem. (<i>Priberam</i>) 2. Mulher que se emprega como preceptora em	1. Que, ou quem governa. (<i>Dicio</i>)

¹² As informações presentes nesse trabalho foram retiradas dos registros gerais das/os estudantes da escola municipal que são fornecidos no momento da matrícula.

¹³ Questionário disponível no link: <https://docs.google.com/forms/d/1tUi864Yhyv8XV4ndP3eydA1hqJ2smVGZCqDYGfcz7ak/edit?usp=sharing>

¹⁴ Palavras e alguns significados consultados e extraídos dos dicionários on-line Dicio, Michaelis e Priberam. Aqui, inserimos, apenas, as primeiras opções de significados que são apresentados pelos dicionários pesquisados.

	uma casa de família. <i>(Michaelis)</i>	
Putá/ Puto	1. Prostituta. <i>(Priberam)</i>	1. Dinheiro de ínfimo valor. <i>(Michaelis)</i> 2. Indivíduo furioso, bravo. <i>(Dicio)</i>
Bruxa/ Bruxo	1. Aquela que é muito feia, ranzinza, agressiva. <i>(Dicio)</i> 2. Pessoa que pratica bruxaria, feitiçaria. <i>(Dicio)</i>	1. Aquele que faz bruxarias, feiticeiro. <i>(Dicio)</i>

Elaborado pela autora.

A maneira como essas palavras, voltadas ao gênero feminino e ao gênero masculino, foram abordadas no questionário foi de modo que a/o estudante pudesse descrever o significado que tal palavra tinha na visão dela/e. Assim, as perguntas foram estruturadas, por exemplo, da seguinte forma: “Ao ouvir ou falar a expressão puta e puto, que significados vêm a sua mente?”. Do mesmo modo, seguimos a mesma organização de perguntas para as demais palavras que estão expostas no decorrer do quadro 2.

Destacamos que a escolha pelos dicionários on-line se deu pelo fato que grande parte dos estudantes utilizam do recurso digital/on-line para realizar suas pesquisas e tirar suas dúvidas sobre o significado de alguns termos. Desse modo, *Dicio*, *Priberam* e *Michaelis* constituem dicionários on-lines dos mais pesquisados na internet. Além disso, os vocábulos selecionados para este trabalho já apresentam algum significado para os discentes, uma vez que eles já foram expostos a esses termos no seu convívio social.

No que se refere à análise dos dados obtidos, primeiramente, procuramos fazer uma seleção das respostas fornecidas através do *Google Forms*, verificando as representações ou ressignificações que foram semelhantes e distintas umas das outras, assim como observamos os diferentes discursos que foram produzidos pelas/os discentes nas argumentações escritas.

Dessa maneira, consideramos adotar esses procedimentos metodológicos, seguindo o panorama da ADC contemplado por Fairclough (1997; 2001; 2003; 2012), com o intuito de fornecer evidências empíricas acerca dos discursos que envolvem os estereótipos e os apagamentos referentes ao gênero feminino, em paralelo aos discursos hegemônicos do gênero masculino.

A seguir, iremos nos dedicar à análise dos dados coletados por meio do *Google Forms*.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Tendo em vista as mais variadas problemáticas que permeiam o nosso meio social, procuramos desenvolver neste trabalho um diálogo crítico e reflexivo acerca de determinados padrões de gênero que são constituídos no interior de um discurso misógino, discriminador, excludente. Para isso, coletamos e analisamos as representações discursivas, fornecidas pelas/os estudantes do 8º ano, acerca das identidades de gênero masculina e feminina, através de algumas significações frequentemente difundidas nas práticas e nos contextos sociais, assim como, observamos quais representações contribuem para a manutenção de sistemas de poder, legitimando a subalternização e a marginalização de gêneros, e quais promovem uma ruptura.

Posto isso, buscamos respaldo teórico e empírico na ADC, seguindo os pressupostos de Norman Fairclough (1997; 2001; 2003; 2012), com o intuito de nos debruçarmos criticamente sobre práticas sociais e discursivas vinculadas a significados de base representacional do discurso.

Para o início da coleta de dados, sugerimos que as/os estudantes respondessem a um questionário on-line no qual estavam inseridas palavras - governanta/governante, puta/puto, bruxa/bruxo - que socialmente apresentam significados distintos a depender do gênero mencionado.

Desse modo, dos vinte e oito discentes da turma, apenas quinze responderam ao guia de perguntas. As/os demais estudantes, alegaram, posteriormente, que devido à falta de internet, equipamento tecnológico adequado para o acesso do *Google Forms* ou por receio em expressar as suas opiniões acerca do tema, mesmo sem precisar o próprio nome, não foi possível obter o devido retorno das informações. Entretanto, através dos resultados fornecidos, observamos que a maioria das questões abordadas foram de fato compreendidas, além de algumas perguntas conterem respostas bastante reflexivas e pertinentes para o nosso estudo.

No que diz respeito ao Quadro 2, dos vocábulos, as/os discentes escreveram os significados que eles atribuíram às palavras governanta/e, puta/o, bruxa/o e empregada/o. Salientamos que todas as perguntas seguiram praticamente o mesmo padrão de questionamento: “Ao ouvir ou falar a expressão governanta e governante, que significados vêm a sua mente?”, por exemplo. Com base nisso, explanaremos, a seguir, algumas das respostas apresentadas.¹⁵

¹⁵O questionário na íntegra está disponível no seguinte link: <https://drive.google.com/file/d/1ZSpnllvklZgj1ZbDWOall9b4phPOENEY/view?usp=sharing>

Com relação ao termo *governanta*, encontramos duas formas de representação. Uma delas, que coincidiu com a maioria das outras respostas, diz que ¹⁶“*Governanta seria quem governa todo o serviço dentro de uma casa grande, dando ordens aos funcionários cuidando para que tudo saia na perfeita ordem*”, ou ainda, “*Governanta é meio que a dona da casa é uma mulher que cuida das crianças e organiza tudo da casa leva para sair ir a escola e etc*”. Além desses significados, algumas/uns poucas/os alunas/os disseram que governanta “*E uma pessoa que tem direitos de fazer algumas coisas pelo seu Estado ou pelo seu País, ou seja e como ser fosse um líder Etc.*” Em contrapartida, os significados atribuídos a palavra *governante* giraram, unicamente, em torno de “[...] *uma pessoa que está no ‘controle’*” ou “[...] *Uma pessoa que foi eleita para governa o seu Estado, entre aspas.*”

Percebemos com esses textos que a língua é um instrumento que está dialeticamente conectado a outros componentes sociais, ou seja, os significados que foram atribuídos aos vocábulos *governanta/e* evidenciam estruturas que estão diretamente interligadas a sistemas hegemônicos de poder, patriarcalismo e dominação de gênero, por exemplo. Desse modo, por meio da organização textual, podemos identificar as/os autoras/es sociais do discurso, quais as representações foram construídas para esses sujeitos e com qual finalidade elas foram criadas. Assim, na visão de Fairclough (2003), ao contextualizar com a nossa linha de estudo, “[...] nenhum real entendimento dos efeitos sociais de discurso é possível, se não olharmos de perto como são esses efeitos quando as pessoas falam ou escrevem.”¹⁷ (FAIRCLOUGH, 2003. p.3 - tradução própria).

Como a ADC se propõe a investigar práticas que são socialmente assimétricas, observamos, com esses termos, uma nítida subalternização e exclusão do gênero feminino que ocasionará na centralização de poder, conhecimento e posições sociais do gênero masculino. Percebemos ainda que, verbos de ação como *cuidar*, *organizar* e *ordenar*, ou, substantivos como *dona de casa* foram comumente utilizados para representar a palavra *governanta*, ao passo que para o vocábulo *governante* foram acrescentados substantivos próprios como *estado* e *país*; adjetivos como *líder* e *eleito*, ou, verbos de ação como *controlar*. Com base nisso, notamos que o espaço doméstico é destinado ao gênero feminino; por outro lado,

¹⁶ Mantivemos as respostas da mesma forma que foram escritas pelos estudantes no *Google Forms*, sem nenhum tipo de modificação ortográfica, sintática, morfológica etc.

¹⁷ “[...] no real understanding of the social effects of discourse is possible without looking closely at what happens when people talk or write.” (FAIRCLOUGH, 2003. p.3)

tudo aquilo que representa o lado exterior desse ambiente, e que concentra status de poder, é designado para o padrão masculino.

Quanto ao termo *puta*, as/os estudantes significaram, de modo unânime, da seguinte forma: *“ouço isso de minha própria mãe quando ela está falando mal de alguma mulher (de varias outras pessoas também, quando se referem a uma determinada mulher que não gostam ou que “ficam” com varias pessoas, e até mesmo porque engravidam cedo)”*, *“Que vive nos bar atrás dos homem,(no caso atrás do dinheiro deles) se prostituindo”* e *“Eu já ouvi falar, que xingam “puta” em brigas. Ou quando uma pessoa está com muita raiva, exemplo: eu estou “puta” de raiva”*. Em compensação, o vocábulo *puto* foi representado do seguinte modo: *“Eu ouço o povo falar, se referindo a raiva como por exemplo: Eu tô puto que minha comida caiu. Tipo isso”*, ou então, *“[...] quando o homem esta aborrecido, ñ tem 2 sentidos como a mulher até pq é um ‘orgulho’ ver um homem com varias mulheres, assim o povo pensa”*.

Aqui, compreendemos que tais termos são representados de formas bastante distintas. No que se refere à palavra *puta*, e os seus sinônimos, - prostituta, quenga, rapariga e dentre outros - a significação construída é sempre voltada à moral ou à questão sexual. O que não cabe ao vocábulo *puto*, que, dificilmente será significado de modo que atinja, negativamente, os “princípios” dos sujeitos masculinos. Por essa razão, são destinados a esse gênero representações que remetem virilidade, superioridade e agressividade.

Podemos notar que a representação da palavra *puta* está ligada a formas de xingamentos direcionados à mulher. Então, frequentemente são utilizados verbos - *falar*, *gostar* e *ficar* - que remetem à ação de se referir negativamente à mulher que foge dos padrões que são socialmente estabelecidos para ela. Além disso, a palavra *puta* representa um adjetivo que qualifica a mulher que “fica” com vários homens. Por outro lado, o vocábulo *puto* é empregado para se referir a um estado de raiva ou aborrecimento de alguém, e geralmente é utilizado como adjetivo.

Faircloguh (2001, p.107), aponta que “[...] os signos são socialmente motivados, isto é, que há razões sociais para combinar significantes particulares a significados particulares”. Perante a isso, entendemos que, durante o processo histórico-social, o gênero feminino foi levado a assumir posições de subordinação perante o gênero masculino. De acordo com o estudo desenvolvido por Werba e Carvalho (2018, p.7), as autoras salientam que

Com a ascensão do capitalismo, a mulher se tornou moeda de troca, servindo de aliança entre famílias que tinham interesses econômicos. A mulher que era propriedade do pai passava a ser propriedade do marido, sucumbindo cada vez mais à submissão.

Dessa maneira, a objetificação e a sexualização do gênero feminino, ressaltando que a objetificação e a sexualização da mulher negra se dá por vieses diferentes da mulher branca, foram desenvolvidas com o propósito de manter estruturas e práticas sociais que privilegiam o padrão considerado masculino.

Por fim, com base nas representações concedidas à palavra *bruxa*, as/os discentes declararam que bruxa é “*Uma mulher com Chape pontudo, voando em uma vassoura mágica, com uma carinha as vezes e velha*”, “[...] *uma pessoa mal, ruim que não tem compaixão com ninguém e que só gostar de estragar as histórias ou deixa elas ainda mais interessante*”, ou ainda, “[...] *uma feiticeira ou até mesmo curandeira , mas ã gosto também porque antigamente as mulheres eram consideradas bruxas se fossem vistas apenas com ervas medicinais e na minha opinião ã existe feiticeiras , apenas mulheres injustiçadas*”. Por outro lado, o termo *bruxo* apresenta os seguintes significados: “*Quando estou falando algo aver com fantasia. Vejo muito em tv ou em livros*” ou quando a “*ultima vez que ouvi isso foi em 2019, quando assisti harry potter, desde então, nunca mais ouvi*”.

Notamos, aqui, que as representações atribuídas à palavra *bruxa/o* são completamente dessemelhantes. Enquanto *bruxa* representa uma figura do gênero feminino que tem características que são socialmente negativas e desvalorizadas, a representação de *bruxo* corresponde a ações que demonstram poder e superioridade com a prática da magia, ou, evidencia significados que, até pouco tempo, não existiam para esse vocábulo, sendo desenvolvidos a partir dos livros e filmes.

Além do mais, algumas alunas desenvolveram uma reflexão crítica ao contextualizar a representação de *bruxa* com a origem do termo, pois, na visão delas, tal significação foi criada para aquelas que desenvolviam práticas curandeiras. Por esse motivo, basta-nos refletir sobre as razões que levaram a igreja a construir representações negativas para mulheres que exerciam algum tipo de influência ou poder social. Pois, todas as manifestações discursivas que foram criadas para menosprezar ou difamar pessoas que se identificavam com o gênero feminino, passaram a ser difundidas com o intuito de preservar o poder e a hegemonia econômica, política, cultural, religiosa e ideológica masculina.

Podemos analisar que a palavra *bruxa* é um adjetivo que faz referência a outros adjetivos, tais como: velha, ruim, mal, feiticeira e curandeira, todos com conotação semântica negativa. Já o termo *bruxo* é um adjetivo que faz menção a características positivas de alguém do gênero masculino, e geralmente é acompanhado com os verbos *ver* ou *ouvir*, uma vez que

não somos habituados a chamar uma pessoa de *bruxo*, ao contrário da palavra *bruxa* que frequentemente lemos, ouvimos ou falamos tal termo com alguém.

Nesse aspecto, Fairclough (2001, p.122) menciona o papel que a ideologia tem nessas construções representacionais do discurso ao citar, em seus trabalhos, que prefere

[...] a concepção de que a ideologia está localizada tanto nas estruturas (isto é, ordens do discurso) que constituem o resultado de eventos passados como nas condições para os eventos atuais e nos próprios eventos, quando reproduzem e transformam as estruturas condicionadoras. É uma orientação acumulada e naturalizada que é construída nas normas e nas convenções, como também um trabalho atual de naturalização e desnaturalização de tais orientações nos eventos discursivos.

Com base nisso, podemos observar que o vocábulo *bruxa/o*, assim como tantos outros termos, são reproduzidos, ao longo do tempo, devido a certas convenções que são socialmente e hegemonicamente naturalizadas, a fim de preservar estruturas discursivas discriminatórias e segregárias para com o gênero feminino.

Além disso, seguindo as orientações de Fairclough (2003), examinamos os múltiplos significados representacionais – as representações ou os significados produzidos pelas/os estudantes perante as palavras propostas a eles –, além de ver como as/os discentes pressupuseram e identificaram os sujeitos dos vocábulos apresentados no questionário online. Diante disso, podemos observar que toda formação discursiva estará atrelada a significados que são socialmente convencionados por grupos dominantes e que, a depender no momento histórico-social, novas representações serão estruturadas a fim de separar, denominar e hegemonizar significados e grupos sociais.

Acentuamos que, para esse estudo, selecionamos apenas algumas das representações fornecidas pelas/os estudantes, pois, devido a extensão dos dados, não seria possível inserir as análises acerca de todas as (re)-significações produzidas pelo corpo discente do 8º ano. Além disso, vale mencionar que as palavras que foram aqui expostas, para o emprego de significados, fazem parte de uma minúscula parcela de termos que discriminam e inferiorizam o gênero feminino.

Por fim, perante as análises desenvolvidas sobre os termos apresentados no Quadro 2, afirmamos que, dentro de uma dada sociedade, a linguagem desempenha funções determinantes para a produção de palavras, (re)-significações e discursos, que têm como finalidade construir e consolidar sistemas de poder e hegemonia. Dessa maneira, foi imposto para o gênero feminino, guardadas as diferenças interseccionais que atingem mais algumas

mulheres do que outras, o lugar de desvalorização social, atribuindo-lhe o papel socialmente secundário ou inexistente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscamos analisar discursos de alunas/os do 8º ano do ensino fundamental (anos finais) a respeito das representações de gênero inseridas em alguns vocábulos. Objetivamos evidenciar o papel que a linguagem desempenha na produção e propagação de preconceitos e como grupos dominantes, formados pelo padrão que concebe o gênero masculino, utilizam-se dessa ferramenta para sustentar uma relação de superioridade e hegemonia, e a exclusão e o apagamento de pessoas que se identificam com o gênero feminino na sociedade.

Com esse fim, seguimos o campo de estudo da ADC, especialmente os pressupostos aduzidos por Fairclough (1997; 2001; 2003; 2012), ao nos direcionar à reflexão sobre discurso e sociedade e ao conceito de significado representacional. Diante disso, delimitamos o nosso foco de estudo selecionando palavras que evidenciam estereótipos de gênero e partimos para a coleta de dados. Diante do que foi coletado, analisamos os discursos com base nas representações que foram utilizadas nas palavras governanta/e, puta/o e bruxa/o e percebemos que, neste trabalho, as significações dos termos giraram em torno da desvalorização e sexualização da figura feminina, dando espaço a certas convenções e naturalizações sociais que atendiam aos interesses de grupos dominantes.

Desse modo, sabemos que propor discussões de gênero em instituições que criam, validam e perpetuam práticas e representações discursivas de gênero é uma tarefa árdua, pois, é dentro de ambientes, como escolas, por exemplo, que lidamos com os mais diversos tipos indivíduos que já trazem consigo práticas e significados culturais, familiares, religiosos, regionais, econômicos e dentre tantos outros fatores que influenciam diretamente nas escolhas discursivas do nosso alunado.

Em resumo, além dos influentes debates atuais sobre questões de gênero produzidos em inúmeras instâncias sociais, nós, como agentes educacionais, precisamos proporcionar e desenvolver conhecimentos e argumentos críticos junto a nossas/os discentes através das nossas aulas diárias, projetos, eventos escolares e comunitários, com o propósito de, aos poucos, questionar, evidenciar, dialogar e intervir em discursos difundidos por estruturas dominantes, à medida que recolocamos todos os sujeitos em posições sociais, econômicas e humanas de igualdade.

Acentuamos que este trabalho não se propõe a assumir um status de verdade única, apresentando apenas um ponto de vista sobre determinado fenômeno.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Giselly; CARVALHO, Gislene; ZAMBRANO, Romana. **A representação do gênero em dicionários monolíngues dos idiomas alemão, espanhol e português: uma análise crítica feminista de verbetes referentes às profissões.** Calidoscópio. São Leopoldo. v. 15, n. 3, p. 433-442. set./dez. 2017.

BABBIE, E. (2005). **Métodos de Pesquisas em Survey.** Belo Horizonte-MG: Editora UFMG.

CAMARGO, Alice Vasques de. **Representação social da mulher e interdiscurso em editoriais da revista Tpm.** Dissertação de mestrado em filologia e língua portuguesa. Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas, universidade de São Paulo. 2016.

CARLOS, Beatriz Nunes. **A educação para a (des)igualdade de gênero: O papel da educação na (re)produção dos estereótipos de gênero.** Dissertação de Mestrado em Estudos sobre as Mulheres: As Mulheres na Sociedade e na Cultura. Faculdade de ciências sociais e humanas, universidade nova de lisboa. 2019..

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

EAGLETON, T. **Ideologia: uma introdução.** São Paulo: Unesp/Boitempo. 1997.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso, mudança e hegemonia.** In: PEDRO, E. R. (org.). **Análise crítica. do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional.** Lisboa. Caminho. p. 77-104. 1997.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social.** Tradução de M. I. Magalhães. Brasília: UNB, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing discourse: textual analysis for social research.** London: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. **Análise crítica do discurso como método em pesquisa social científica.** Trad. Iran Ferreira de Melo. Linha d'água, v.2, n.25, p.307-329. 2012.

FRANCO, Paki V.; CERVERA, Julia P. In: **Manual para o uso não sexista da linguagem: o que bem se diz, bem se entende**. Tradução de Beatriz Cannabrava. Secretaria de Comunicação e Inclusão Digital, Governo do Estado do Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em: <http://portalsemear.org.br/wp-content/uploads/2019/04/Manual-para-uso-n%C3%A3o-sexista-da-linguagem.pdf>. Acesso em: 03 de agosto de 2021.

GOUVEIA, C.A.M. **Texto e gramática: uma introdução à Linguística Sistêmico-Funcional**. Matraca, v.16, n.24, jan./jun., p.13-47, 2009.

HALLIDAY, M.A.K. **Introduction to functional grammar**. 4 ed. Londres/Nova York: Routledge, 2014 [1985].

In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 10 de setembro de 2021.

In: **Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. 2021. Editora Melhoramentos Ltda. 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 10 de setembro de 2021.

In: **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. Priberam Informática, S.A. 2008. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org>. Acesso em: 10 de setembro de 2021.

KRESS, Gunther. Introduction. In: KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication**. Londres: Oxford University. Press Inc. 2001.

KRIEGER, Maria da Graça. Lexicologia e lexicografia diacrônicas: qual o papel desse tipo de pesquisa. In: A.N. ISQUIERO; L.A. BAROS (orgs.). **As ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia**. Campo Grande: Editora UFMS, p.135-152, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6º ed. Editora vozes. Petrópolis, RJ.1997.

MAGALHÃES, Izabel. **Introdução a Análise de Discurso Crítica**. In: DELTA. São Paulo. Educ. v. 21. n. especial. p. 1-11. 2005.

MELO, I.F (Org.). Por uma análise crítica do discurso. In: MELO, I.F. (Org.). **Introdução aos estudos críticos do discurso: teoria e prática**. Campinas. Pontes. 2012.

QUEVEDO-CAMARGO, Gladys (org.). **Projeto English Nuggets: etimologia de palavras e expressões em língua inglesa**. Brasília. Universidade de Brasília, 2020. Ebook p. 98.

Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/38410>. Acesso em: 20 de agosto de 2021.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa**. Coleção: linguagem e sociedade. v.1. campinas, SP. Pontes editores. 2011.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise do discurso crítica: uma reflexão acerca dos desdobramentos recentes da teoria social do discurso**. ALED, v.5, n.1, p.27-50. 2005.

SILVA, Jeane Félix da. **Linguagem Sexista sob a Perspectiva da Análise do Discurso: Olhares Esboçados em uma Revista Dirigida a Professores/as**. Olhar de professor. Ponta Grossa. p. 77-83. 2004.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e realidade. p. 71-99. 1995.

TEO, Peter. **Racism in the news: a Critical Discourse Analysis of news reporting in two Australian newspapers**. Discourse and Society. p. 7-49. 2000.

VAN DIJK. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto. 2008.

VAN LEEUWEN, T. **A representação dos atores sociais**. In: PEDRO, E. R. (org.) Análise crítica do discurso, uma perspectiva sociopolítica e funcional. Lisboa. Caminho. p. 169-222. 1997.

VAN LEEUWEN, Theo. **Introducing Social Semiotics**. 2. ed. London: Routledge, [2005] 2006.

WODAK, Ruth. The discourse-historical approach. In: Meyer, M.; Wodak, R. (Org.) (2001). **Methods of critical discourse analysis: introducing qualitative methods**. London: SAGE, pp 63-94